

# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Culturas e história dos povos indígenas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]  
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,  
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016091**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

**DOI 10.22533/at.ed.6682016092**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

**DOI 10.22533/at.ed.6682016093**

### **CAPÍTULO 4 ..... 37**

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.6682016094**

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016095**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

**DOI 10.22533/at.ed.6682016096**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

**CAPÍTULO 14..... 160**

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

**CAPÍTULO 15..... 175**

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

**CAPÍTULO 16..... 187**

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

**CAPÍTULO 17..... 202**

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

**CAPÍTULO 18..... 218**

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

**CAPÍTULO 19..... 229**

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

**CAPÍTULO 20..... 238**

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

**DOI 10.22533/at.ed.66820160920**

**CAPÍTULO 21.....248**

**A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII**

*Antonio Martins Ramos*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160921**

**CAPÍTULO 22.....258**

**INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA**

*Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco*

*Divane de Vargas*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160922**

**CAPÍTULO 23.....271**

**PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK**

*Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160923**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283**

**ÍNDICE REMISSIVO.....284**

# CAPÍTULO 4

## A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Data de aceite: 01/09/2020

Data da Submissão: 07/07/2020

### Carla Patrícia Martins Albuquerque

Universidade Federal do Amazonas,  
Departamento de Língua e Literatura  
Portuguesa

Manaus – Amazonas

<http://lattes.cnpq.br/4880099447233719>

### Paulo Roberto de Souza Freitas

Universidade Federal do Amazonas,  
Departamento de Língua e Literatura  
Portuguesa

Manaus – Amazonas

<http://lattes.cnpq.br/8703507492332863>

**RESUMO:** A cultura brasileira é devedora da participação dos povos indígenas na construção da própria identidade nacional. A obra de autores indígenas ficou relegada a segundo plano. A partir dessa perspectiva iniciou-se esse projeto de pesquisa com o objetivo de investigação *in loco* sobre a existência de livros de literatura de autoria indígena em escolas públicas da zona leste de Manaus. Utilizamos como ferramenta metodológica de análise dos dados coletados a abordagem teórica da Análise de Discurso Francesa. A coleta de dados deu-se através de questionário fechado. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, em que os resultados obtidos são transformados em dados numéricos e gráficos para uma posterior leitura das implicações discursivas e ideológicas expressa por eles. Os resultados apontaram uma ausência

quase que total de livros de autoria indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Povos Indígenas; Literatura; Análise do Discurso Francesa, Escola Pública; Manaus.

### THE AFFIRMATIVE FUNCTION OF THE SCHOOL LIBRARY WITH THE MAINTENANCE OF INDIGENOUS CULTURE

**ABSTRACT:** Brazilian culture owes the participation of indigenous peoples in the construction of their own national identity. The work of indigenous authors has been relegated to the background. From this perspective, this research project was started with the objective of on-site investigation of the existence of indigenous literature books in public schools in the east of Manaus. We use as methodological tool of analysis of the collected data the theoretical approach of French Discourse Analysis. Data collection was through a closed questionnaire. It is a quali-quantitative research, in which the obtained results are transformed into numerical data and graphs for a later reading of the discursive and ideological implications expressed by them. The results indicated an almost total absence of books of indigenous authorship.

**KEYWORDS:** Indigenous Peoples; Literature; French Discourse Analysis; Public School; Manaus.

### 1 | INTRODUÇÃO

Preservar a Literatura Indígena é manter viva essa porção da história do povo brasileiro.

A garantia desse tema na educação básica, permite uma aprendizagem baseada no respeito e na valorização das diferentes culturas, sendo assim, é imperioso reconhecer as origens culturais do Brasil de maneira pedagógica. A Lei nº 11.645/08 obriga a abordagem de temática indígena nas escolas, através da literatura, arte e cultura, desta forma pretendemos destacar a lei enquanto peça essencial para a ampliação da cidadania do povo brasileiro, e formação do Estado do Amazonas.

A cultura indígena apresentada aos estudantes da rede pública dá-se apenas em dias memoráveis, ficando esquecido em outros dias letivos. As novas gerações precisam conhecer mais de perto a realidade e a cultura dos povos indígenas da região, visto que a maior concentração vive na região Amazônica. Para não correremos o risco de no futuro não muito distante vivenciarmos uma geração alheia e carregada de preconceitos para com estes povos, sendo assim a construção e reconhecimento da identidade brasileira passa pelo valor dado a estes povos que estavam na origem da nossa história. Sabe-se que a herança da cultura indígena é presente em nosso cotidiano com costumes, crenças, hábitos, portanto, essa esplêndida cultura indígena vem sendo desmemoriada dentro do contexto regional e social.

A literatura indígena tem dois aspectos para nós que se condiz como tal: a oralizada e a escrita, portanto a *LI* iniciou-se com a oralidade estendendo-se mais tarde com a escrita. O escritor indígena Daniel Munduruku (2008) diz que a literatura indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam” ou seja, a literatura indígena passa da oralidade pelas gerações desses povos até os dias atuais e com a escrita através de seus autores indígenas, assim não nega a existência desses povos e contribui para permanência como documento importante da cultura indígena.

A necessidade de disponibilidade de acervos para os alunos sobre a literatura indígena nas escolas da rede públicas de Manaus, nos parece umas das causas desse desconhecimento e contato preliminar com a cultura indígena regional, mesmo que na era tecnológica tenha um vasto campo de informações, não há um interesse por parte dos alunos, esse motivo pelo qual as investigações deram início para a existência ou não de acervo sobre a literatura indígena e seus autores.

Entendemos que a escola tem um papel central neste processo de relação étnica e cultural em acreditar que este projeto tem muito a contribuir para que outros segmentos da sociedade se deem conta antes que seja tarde de um processo de destruição da cultura indígena regional.

O papel preponderante neste contexto é a biblioteca, uma vez que para a consolidação de uma sociedade informada em novos conhecimentos, a democratização da leitura é fundamental.

Por esse viés que a perspectiva em desenvolver na prática esse pesquisa veio deste quando através a Disciplina Introdução de Estudos de Língua Indígena ministrada



da Universidade Federal do Amazonas, em que vimos essa oportunidade em desenvolver um trabalho que envolvesse a cultura e a literatura indígena, abrindo assim neste projeto de saber sobre a existência de tais livros nas escolas públicas da zona leste de Manaus, entendendo que o assunto é pouco explorado entre dos docentes e discentes das escolas.

Ao longo da pesquisa foram encontradas dificuldades para a aceitação das coletas de dados, alguns professores, e alguns bibliotecários não se dispuseram a responder. No entanto, outros professores colaboraram com a pesquisa fazendo suas observações, se referindo a abordagem do tema como importante para a contribuição educacional, alguns deles gostariam de trabalhar profundamente mais esse tema com os alunos, pois relatam que é de suma importância para que esse conhecimento se estenda.

Contudo esse projeto tem objetivo contribuir com a Universidade e a sociedade, na perspectiva que novos trabalhos também poderão dar seguimento para esse tema.

## **2 | A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A SOCIEDADE LETRADA**

A leitura proporciona engrandecimento do ser humano, tanto social, quanto individual, e é pela leitura que construímos pensamentos sobre a sociedade em que estamos inseridos, sendo essencial para a estruturação enquanto indivíduo para princípio da constituição de sujeito. A formação de cidadãos, não se limita a conceitos preestabelecidos que torna inviável o ato de pensar.

Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos. (RANGEL & ROJO, 2010. p. 87)

A Leitura é um instrumento para a apropriação de conhecimento do mundo em nossa volta e tem grande importância na vida da sociedade como um todo, porquanto uma sociedade letrada tem seus próprios conceitos. A escola por sua vez é mediadora dessa leitura, ela tem papel fundamental de incentivar a leitura, sendo porta favorável do conhecimento permanente para o aluno.

A biblioteca faz parte desse instrumento escolar, é um ambiente propício para a leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social. Portanto, é necessário propiciar na biblioteca a leitura viva, diversificada e criativa, representando a forma de pensar, de agir e sentir de cada aluno. Segundo Pietri (2007, p. 31), fala sobre a leitura na escola:

A leitura de textos na escola tem como objetivo, nessa tradição, a busca de um sentido único, aquele que teria sido determinado pelo autor, e a tentativa de controle desse sentido. A atuação sobre o texto se faz, assim, de modo a não o atingir em sua concretude, em sua materialidade, o que confere à leitura escolar um princípio de superficialização.

O texto de ambos reafirma entre possibilidade de sanar a leitura no ambiente escolar, superficial distante do real sentido do ato de ler, que é abrir o olhar do leitor para novos futuros e caminhos sociais. Acreditamos na possibilidade do aluno ampliar o mundo ao seu redor, com a sua capacidade comunicativa.

### **3 I A LITERATURA COMO FATOR DE INTERAÇÃO SOCIOCULTURAL**

Vindo do Latim, a palavra literatura significa “litteris”, “letras”, é um conjunto de expressão, o ofício de habilidade de escrever ou a expressão da arte. Essa arte iniciou-se na oralidade através dos povos nômades, que passam suas histórias para suas gerações por forma de expressão da arte sobre desenhos feitos nas cavernas. No que diz a respeito sobre a literatura afirma Antônio Candido (1976 p.25);

A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito.

A literatura estuda os movimentos literários, artistas e obras de uma determinada época com características gerais de estilo e temáticas comuns, e sua sucessão ao longo do tempo. Mas a literatura enfatizada será a literatura como fator social ou sociocultural, esta por sua vez abordada em levar o conhecimento a sociedade de forma abrangente proporcionando um despertar a leitura e práticas de letramento e contribuindo para a formação crítica do sujeito, essa literatura é informatizada para a sociedade, trazendo conhecimento, podendo ser estudada por diversos aspectos.

Ora, entre as manifestações da vida social. Nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas as literárias. Omitir a existência do quadro social, apreciar figura, gêneros e correntes como tendo vida autônoma porque divorciados das condições de meio e de tempo, tudo tem o lugar próprio, e não outro, tudo traz a marca indelével da sociedade (SODRÉ 1976, p. 2).

Salientar a dubiedade e veracidade do sujeito, a Literatura leva o leitor a inúmeros fatos da realidade conduz ao conhecimento da história e da vida real de várias comunidades, expõe a cultura, seus costumes, modo de vida e organização social e política, sendo como objeto de amparo e ferramenta fundamental como função sociocultural.

Sodré (1976, p.9) refere-se sobre a questão dos povos referente a literatura social;

A literatura é desenvolvimento das forças intelectuais todas de um povo: é o complexo de suas luzes e civilização; é a expressão do grau de ciência que ele possui; é a reunião de tudo quanto exprime a imaginação e o raciocínio

pela linguagem e pelos escritos.

A Cultura Indígena é levada ao conhecimento para o indivíduo através de histórias, a manifestação desse povo é pouco conhecida como se deve, e a Literatura como fator social é a ligação para que essa cultura se mantenha viva, para que não tenha o desaparecimento da real vivência desses povos.

A literatura indígena é utilizada para passar esse saber dos povos aos alunos, a escola é o elo de ligação primordial para esse efeito, contudo, a biblioteca é um dos meios uma das ferramentas dentro da escola em que aplica esse saber, direcionado para a exploração individual.

#### **4 | A BIBLIOTECA ESCOLAR**

A respeito disso, para a consolidação de uma sociedade informada em novos conhecimentos, a democratização da leitura é fundamental, e para que isso se torne realidade podemos afirmar a função essencial do papel preponderante da Biblioteca. Compreendemos bibliotecas como organismos com perspectivas de intervir no meio em que estão inseridas, se houver interesse em potencializá-las, esse interesse compreende gestão e cooperação entre educadores e o profissional bibliotecário. A respeito disso Hillesheim e Fachin (1999) diz que; “A biblioteca escolar deve se destacar como instrumento de apoio didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem”.

O acervo da biblioteca escolar é um importante instrumento formador de opinião, quando há disseminação de literaturas que oportunizem a formação dos seus usuários, faz necessário que a população conheça a sua própria história através do acervo bibliográfico disponível, o que não se observa, sendo feito de modo genérico, que não atende a realidade:

#### **5 | ANÁLISE DO DISCURSO**

A Análise do Discurso (AD) surgiu na França da década de 60 reagindo às de ideologia nas teorias sociais e de linguagem na Linguística, sendo um campo de estudo entre a linguística e a ideologia, Orlandi (2007.p 15) diz que se “procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas como conhecimentos”. O Michael Pêcheux é o fundador da Análise de Discurso (AD) com a teorização de que a linguagem é materializada na ideologia, sobre forte influência G. Canguilhem e L. Althusser.

A AD como estudo da linguística baseia-se em análise da estrutura de um texto para abarcar composições de ideologia existentes no texto, portanto o discurso ligado o contexto social no qual o texto é desenvolvido, portanto é uma análise contextual discursiva.

A Palavra discurso está direcionada logo no pensar político, mas o discurso cabe aqui como o discurso na constituição uma prática e não de uma função e sim como percurso.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p 15).

Na análise do discurso, o sujeito referente não é tratado como sujeito único e sim aquele que produz o discurso no contexto (lugar social,) o individualizado a partir de lugares sociais diferentes o mesmo sujeito pode ter posições discursivas diferentes de acordo com as condições de produção que lhe são impostas. O sujeito constrói sua identidade na interação com o outro.

Para Pêcheux o sujeito não é intencional. A ideologia torna possível a relação palavra/coisa. Há para isso as condições de base, a língua e o processo, que é discursivo, no qual a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, ou seja, reúne sujeito e sentido. O sujeito, portanto, se constitui e o mundo se significa pela ideologia (ORLANDI, 2007, p. 56). O sujeito estabelece em lugar enunciativo ao qual pertence, mas está atravessado pelo inconsciente, não se limitando a nenhum, por isso, se vê sempre afetado pela ideológica.

Em relação ao sujeito para Pêcheux (1988, p.163) ele diz:

O sujeito se constitui pelo 'esquecimento' daquilo que o determina", e esquecimento, aqui, vai no sentido do acobertamento daquilo que o causa no próprio interior de seu efeito, e não no sentido de algo que se tenha sabido um dia e tenha-se esquecido.

Neste projeto de pesquisa, o sujeito do discurso indígena é afetado pelo silenciamento da literatura indígenas, a sua posição como sujeito na sociedade vai sendo levada ao esquecimento, por isso, a permanência e valorização da cultura indígena através da literatura de autoria indígena nas escolas precisa ser pesquisada, e quem sabe no futuro, ser estendida às demais torna-se essencial.

A formação discursiva em análise do discurso surgida a partir de Foucault em Arqueologia do Saber são conjuntos de saberes que determina o objeto discursivo. As formações discursivas definem suas posições e sentidos em relações as ideologias em que se inserem, ou seja;

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio- histórica dada) determina o que pode e deve ser dito. Ou seja, as palavras recebem, pois, seu sentido de formação discursivas na qual são produzidas (ORLANDI, 1996, p.58)

O lugar onde se constitui o sujeito é a formação discursiva, Orlandi (1996) apud Pêcheux (1975) diz que é nela que todo sujeito se reconhece em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos, adquire a sua identidade.

O silêncio não tem aqui a significação de afastamento, no silêncio é que as relações de poder podem ser significadas, Orlandi destaca o silêncio, colocando-o em uma posição primordial, mediador das relações entre linguagem, mundo e pensamento.

“O silêncio não fala ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”. (Orlandi, 1996 p.31). O silêncio é significador tanto quanto a palavra, tem fundamento, contendo sentidos. Ele tem uma significação que lhe é direcionada, sendo resposta para fatos, aqui estamos referindo ao silenciamento dos povos indígenas, nesse silenciamento entende-se o apagamento de povos por meio da linguagem.

## **6 I PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS**

A pesquisa foi realizada a partir de questionário fechado, o fim de levantarmos dados específicos sobre quantidade de livros em 10 escolas Públicas da zona Leste de Manaus e assim como na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, o Museu Amazônico e a Biblioteca situada no Centro Cultural Povos da Amazônia e o Museu do Índio, todos estes situados na cidade de Manaus.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

O desenvolvendo em todas as etapas da pesquisa científica, desde a escolha do objeto da pesquisa, dos temas delimitados a partir do alvo que são os gestores, professor e bibliotecários das escolas públicas da Zona Leste de Manaus, as bases para a fundamentação teórica na Análise do Discurso Francesa.

Tanto a pesquisa qualitativa é usada neste trabalho, quanto a pesquisa quantitativa, ambas são complementares para o levantamento de dados para mostra as razões significativas e reais acerca do tema dessa pesquisa científica.

Optamos por escolher a análise do discurso de linha francesa (AD) por tratar-se de um campo e conhecimento bastante sólido no Brasil uma linha de pesquisa fértil que nos permite olhar o sujeito em movimento em discurso, manifestado no texto, tanto de oralidade quanto descritiva onde se materializa a ideologia.

Iniciamos as visitas e a aplicação dos questionários nas 10 escolas Públicas da Zona Leste, sendo as estaduais e as municipais, são elas : Escola Estadual Cecília Ferreira da Silva, Escola Estadual Vasco Vasque, Escola Estadual Professor Cleômenes do Carmo Chaves, Escola Estadual Ernesto Penafort e Escola Estadual Professor Jorge Karan Neto , Escola Estadual Benedito Almeida Escola Municipal Professor Themistocles Pinheiro Gadelha, Escola Municipal Francisco Guedes de Queiroz, Escola Municipal Professor Edinir Telles Guimarães, Escola Municipal Professora Maria Raimunda Marques. Ressalto a dificuldade que encontramos para a execução das coletas de dados, pois nos deparamos

com a resistência e também por ausência de professores em responder os questionários relacionado ao tema do projeto, dificultados assim nossa pesquisa, onde tivemos que ir por mais vezes a escolas mencionadas. Outro aspecto relevante referente a alguns professores, que ficaram arredios. Contudo, em outras escolas fomos bem recebidos, em duas os dirigentes nos convidaram a realizar palestras com o resultado do fim da pesquisa, responderam os questionários e sugeriam que levássemos adiante o projeto que é algo inovador.

Outra visita foi realizada na Biblioteca Pública Amazonas, o Museu do Homem Amazônico, o Museu do Índio e o Centro Cultural Povos da Amazônia.

Em relação a Biblioteca Pública, fomos bem recepcionados pelos servidores, explicamos a proposta do projeto para a Bibliotecária desta instituição, em que relatou que não era de seu conhecimento sobre a Literatura Indígena e não havia no acervo sobre tais livros. Mostrou-se os acervos disponíveis e outros ambientes da Biblioteca onde tem materiais antigos em que estão guardados pois pelo tempo de sua existência, eles têm um trabalho de preservação já que fazem parte da história da cidade de Manaus e do Estado do Amazonas.

No Museu do Homem Amazônico, a Bibliotecária dessa instituição, colaborou calorosamente com a pesquisa, mostrando todo o acervo disponível (mais de 15 mil livros de temas variados), ao qual encontramos entre eles livros de autoria indígena, livros de antropologia referente a Cultura dos povos indígenas, livros sobre História dos povos indígenas, somando ao total cerca de aproximadamente 500 livros. A responsável da Biblioteca disse que trabalha há mais de 20 anos nessa instituição, e que muitos pesquisadores vão ao local para coletar informações sobre os povos indígenas, a fim de contribuir para suas pesquisas, há uma procura intensa de informações de pesquisadores de outros países, e que a comunidade local não frequenta a instituição. O museu dispõe de peças de alguns povos indígenas, assim como trabalha com artistas (estes expõem seus trabalhos periodicamente no local),

O museu tem uma pedagoga que segunda a bibliotecária trabalha visitando as escolas para que as crianças tenham contato com o conhecimento sobre esses povos, e que periodicamente a biblioteca esses alunos vão a biblioteca com parceria das escolas, mas que ainda assim a visita no local é baixa. A mesma também pediu para que esse projeto ao seu termino seja levado esse Museu para afim que seja disponibilizado para que outros pesquisadores e frequentadores possam ver a importância desse tema e assim sobre a literatura de autoria indígena. Essa instituição é regida sobre responsabilidade da Universidade Federal do Amazonas.

Em relação ao Museu do Índios não conseguimos fazer levantamento de dados, pois não tivemos autorização dos responsáveis para coletar os dados para contribuição do tema desse projeto.

No Centro Cultural dos Povos da Amazônia, fomos me atendidos, essa instituição

tem mostra cultural e parcerias com escola, dispõe de 2 bibliotecas, ao total o acervo dessa instituição chega aproximadamente a 30 mil acervos disponíveis de diversos assuntos e que existe apenas 1 livro referente a literatura indígena. A bibliotecária mencionou que o tema do projeto é importante e que a não era de seu conhecimento até esse projeto a existência de livros de autoria indígena, e que gostaria de saber mais sobre o tema, para que pudesse contribuir para que se mantenha viva a Cultura através da literatura sobre esses povos. Essa instituição é aberta ao público em geral, onde várias pessoas do mundo todo, fazem visitas para conhecer parte da história da Amazônia.

## 7 | RESULTADO DOS DADOS COLETADOS

### 7.1 Perguntas ao Professor

Foram aplicados 36 questionários fechados, composto por com 6 perguntas para os professores de Língua Portuguesa das 10 escolas Públicas pesquisadas na zona leste de Manaus. Chegamos aos resultados, apresentados em gráficos, com leitura, segue abaixo:



Gráfico P1: Quantos livros de autoria Indígena você conhece?

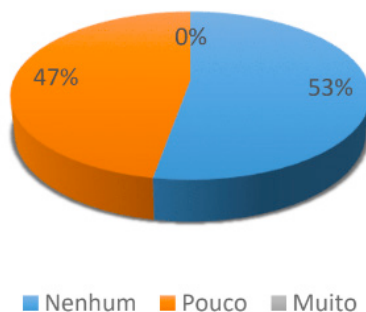


Gráfico P2: Durante sua vida acadêmica, qual foi o seu nível de leitura de livros de autoria indígena?

Leitura: No gráfico P1, percebemos que 72% dos professores conhecem 0 livros, 19% professores conhecem 2 livros, 6% dos professores conhecem 3 livros e 3% conhecem 1 livro e 0% conhecem de 10 a 20 livros de autoria indígena, conseguimos identificar neste dado, o não conhecimento sobre livros de autoria indígena. No gráfico P2, percebemos 53% dos professores em sua vida acadêmica não leu nenhum livro de autoria indígena, 47% leu poucos livros de autoria indígena e que 0% leu muitos livros de autoria indígena. Neste caso, conseguimos ver o não contato com tais livros.

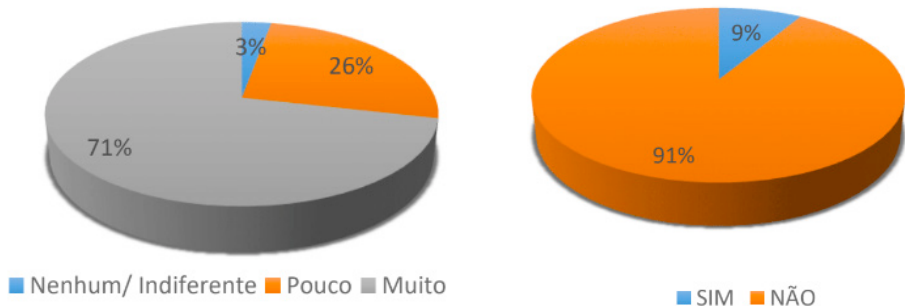


Gráfico P3: Qual o nível de importância que deveria ser dado ao conhecimento da Literatura de Autoria Indígena nas escolas Públicas de Manaus?

Gráfico P4: Você sabe se existe livros de autoria indígena na biblioteca desta escola?

Leitura: No gráfico P3, percebemos que 71% consideram o nível de importância que deve ser dado ao conhecimento sobre literatura indígena, 26% consideram pouco importante sobre esse nível e 3% consideram o nível de nenhuma importância. Consideramos que esse dado é crucial o nível dado sobre a literatura indígena nessas escolas públicas. No gráfico P4, percebemos 91% não sabem se existem livros de autoria indígena na biblioteca escolar, e apenas 9% dizem que existem tais livros na biblioteca da escola.

## 7.2 Perguntas para Bibliotecário/Responsável

Gráfico P1: Existe um controle de livros nesta biblioteca?

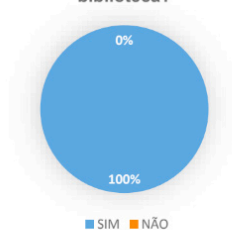


Gráfico P2: Qual a quantidade de livros existentes ?

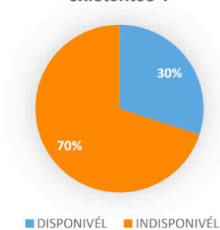


Gráfico P3: A maioria dos livros são?





No gráfico P1, percebemos 100% disseram ter controle dos livros na biblioteca da escola. Neste caso, conseguimos definir a predominância de controle de livros e a organização.

Leitura: No gráfico P2, percebemos que a predominância de livros disponível na biblioteca é de 70 % e indisponível é de 30% com este conseguimos ver a disponibilidade de mais livros disponíveis na biblioteca da escola.

Leitura: No gráfico P3, percebemos que a predominância de livros na biblioteca é de 67 % livros comuns e 33% paradidáticos e 0% paradidáticos com isto conseguimos ver a disponibilidade de mais livros por categoria disponíveis na biblioteca da escola.

## **8 I ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS**

Pensar em linguagem e em escrita significa pensar em processo de controle e dominação. Os povos indígenas do Brasil fazem uma parte desse processo, tanto quanto outras minorias, que vivem à margem, silenciados no seu dizer.

Nesse trabalho, fizemos uma grande pesquisa qualitativas, transformadas em gráficos, para sustentar o nosso dizer. Por estamos em uma sociedade positivista queremos a partir dos dados numéricos demonstrar de que forma o sujeito governamental neste caso representado pelas secretarias de educação, atuando em relação às bibliotecas, e em particular, como enxergam a necessidade da presença de um conhecimento maior por parte dos estudantes das escolas públicas sobre a vida e presença dos povos indígenas do Brasil.

Neste contexto não existe instrumento melhor e mais acessível que a literatura indígena produzida pelos próprios autores indígenas que têm a legitimidade para se posicionar como tal, o texto gráfico, construído por de gráficos e legendas caracterizando como texto multimodal, está presente no cotidiano das nossas leituras.

Queremos com isso estimular o leitor a perceber de que forma o sujeito atual se movimenta por meio do discurso.

O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que ´possível aprender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI 2001, p.22).

O discurso deve ser compreendido como movimento em determinado tempo, remetendo a acontecimentos histórico em determinado momento, para perceber a construção do discurso, e os sentidos postos em jogo.

Quando estamos questionando a participação dos agentes educacionais nas escolas, estamos procurando entender a “Formação Discursiva “(FD) desses agentes. Para FERNANDES (2007 p. 46) “Formação Discursiva refere-se ao que pode dizer somente em determinada época e espaço social” Será a partir dessa FD que irá se manifestar a

## Formação Ideológica (FI).

Formação Ideológica: conjunto complexo de atividades e de representação que não são nem individuais" nem "universais", mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflitos umas com as outras. (PEUCHEUX & FUCHS 1990, p. 166, *apud* FERNANDES 2007, p. 46).

O dizer do sujeito do discurso vem de outros dizeres, vem da sua formação discursiva de onde emana as verdades a serem defendidas, daí o conflito das classes. Os agentes administrativos da escola representam o discurso institucional, são frutos de um processo que deixou de lado a representação indígena. Como foi visto nos gráficos, entendem como sendo necessária a participação da literatura indígena, por outro lado atuam pouco para que esta percepção se torne realidade. São posições de sujeito em jogo. Os agentes educacionais são os representantes do discurso institucional nas escolas, não podem fugir dessa posição, sem ter que passar para outra posição discursiva.

Uma das tantas formas de controle, e silenciamento do outro. O sujeito do discurso diz que concorda, mas encontra no discurso institucional elementos que impedem o diálogo, as condições de produção do discurso são outras, o silenciamento se torna a ferramenta para que o outro se apague.

Pensar no silêncio é colocar questões a propósito dos limites da dialogia. Pensar o silêncio nos limita a dialogia é pensar a relação com o Outro como uma relação contraditória (ORLANDI 2007 p. 48)

A ausência de material nas bibliotecas representa este processo de silenciamento da cultura indígena. O sujeito estatal deveria olhar com intensidade e prever políticas públicas que despertem o interesse por este lado da cultura brasileira. Encontramos muito a fazer para que as bibliotecas possam representar um espaço aberto para o diálogo.

## 9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura indígena vem sendo silenciada dentro do contexto regional. Preservar a história indígena é manter viva essa porção da história do povo brasileiro. A garantia desses temas na educação básica permite uma aprendizagem baseada no respeito e na valorização das diferentes culturais, sendo assim, é concludente reconhecer as origens culturais do Brasil de maneira pedagógica. A Lei nº 11.645/08 obriga a abordagem de temática indígena nas escolas, por intermédio da literatura, da arte e da cultura. Dessa forma, pretendemos destacar a lei enquanto peça essencial para a ampliação do conhecimento do povo brasileiro e principalmente dos habitantes do Estado do Amazonas.

Diante dessas afirmações, a escola deve estar atenta ao seu papel social, permitindo ao aluno vivenciar o aprendizado da convivência e do respeito às diferenças, sobretudo com a compreensão da história e da cultura, formada a partir de uma construção vivida e

necessária para a sua formação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC-APRESENTAÇÃO**. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf) Acesso em 21/04/2108

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. **Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 64-79, 1999. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2012

KAUSS, V.L.T. **Literatura indígena: o resgate da oralidade ancestral na escrita polifônica do presente**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v.8, n.29, p.59-83, 2009. Disponível em: Acesso em: 15 abr. 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o ténue fio entre escrita e oralidade**, 2008. Disponível em: Acesso em: 08 jul. 2010

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRANDÃO, Helena H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1991.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1976

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, Ed, fscar, 2009.

DE PIETRI, **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, v.1, Jorge Zahar Editor, 1990.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. 6.ed. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. – 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio.** Campinas. Editora da Unicamp, 2007

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto.** Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso:** três épocas (1983). In: GADET, T.; HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso.** Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: Analyse automatique du discours, 1969.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2009. Tradução de: Verités de la Palice (1975).

\_\_\_\_\_. **O discurso:** estrutura e acontecimento. 2° ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Fontes, 1988.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas.

SODRÉ, N. W. **História da Literatura Brasileira:** seus fundamentos econômicos. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.  
1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções.** São Paulo: Polis; APB, 1989.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

### C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

### D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

### E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

### I

Indígenas Karipuna 258

### L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

### M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

## **O**

Oralidades 119

## **P**

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

## **R**

Resistências 90, 132, 144, 271




# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020